

MEMORIAL DESCRITIVO

ALFIO BRANDENBURG

Memorial apresentado como requisito ao cargo de Professor Titular, no Plano de carreira do magistério de ensino superior da UFPR

CURITIBA/SETEMBRO/2015

SUMÁRIO

1. Introdução	3
2. Formação	4
3. Atividades docentes	8
3. 1 Disciplinas lecionadas	8
3. 2 Orientação a alunos	10
4. Pesquisa e produção científica	11
5. Participação em grupo de pesquisa	25
6. Participação em eventos	26
7. Intercâmbios internacionais	27
8. Participação em Associações Científicas	28
9. Atividades de consultoria e parecer	28
10. Atividades administrativas	29
11. Considerações finais	29

Este memorial tem por objetivo descrever as atividades acadêmicas desenvolvidas na Universidade Federal do Paraná no período de janeiro de 1990 a julho de 2015, como

requisito para obtenção do título de Professor Titular do Departamento Política e Sociologia/DECISO. Por considerar que a função de professor universitário é desenvolver atividades de Ensino e Pesquisa e (ou) Extensão, darei centralidade e essas atividades, embora o requisito contemple também a realização de outras atividades. Dessa forma, apresentarei o memorial iniciando pelas atividades de docência e pesquisa, depois seguirei descrevendo as atividades de participação e coordenação de eventos relacionadas com as atividades acadêmicas e, por último, as atividades administrativas.

1. Introdução.

Iniciei minha vida acadêmica, na Universidade Federal do Paraná, em 1990 como professor assistente. Antes disso atuei como Extensionista Rural, de 1976 a 1988, no Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER/PR, órgão vinculado à Secretaria da Agricultura do Estado do Paraná. Nesse período já iniciei minhas atividades como Professor Universitário na Faculdade de Administração e Economia – FAE, e quando me afastei da EMATER, em 1998, comecei a lecionar na Faculdade Positivo, hoje Universidade Positivo.

Minha inclinação pela pesquisa social teve início quando exercia a função de extensionista. Como profissional da área extensão rural, questionava minha atividade, na medida em que tinha por objetivo promover o desenvolvimento tecnológico da agricultura. Atuando junto aos pequenos agricultores assistia a um processo crescente de imigração rural, quando a extensão tinha como missão contribuir com a permanência e o desenvolvimento do agricultor no campo, mediante o progresso técnico. Em plena fase da modernização intensiva da agricultura, sentia-se frustrado como profissional e assim comecei a ler os textos da época que tratavam da questão rural e agrária. Foi assim que decidi realizar o mestrado, para melhor compreender a dinâmica dos processos sociais rurais. Realizei meu mestrado na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/USP, um dos poucos centros universitários que na época possuíam mestrado em Sociologia Rural.

Já com o mestrado, atuei por algum tempo na coordenação de planejamento da Extensão do Paraná. Minha atuação continuava sem sentido, até que em torno de 1980 os ventos da democracia oportunizaram a possibilidade de propor um modelo de

extensão rural mais questionadora¹. Paulo Freire foi o grande inspirador dessa proposta, levando-me a estudar sua obra. Extensão ou Comunicação foi o livro que me introduziu no universo de seu pensamento. Tive a felicidade de integrar grupos de discussão sobre comunicação e educação popular, com participação desse grande educador brasileiro. Aliás, a noção de sujeito na educação, de Paulo Freire, é que mais tarde me levaria a estabelecer conexões com a noção de sujeito social de Alain Touraine e com a noção de ação comunicativa de Jurgen Habermas, autores que se constituiriam inicialmente referência na minha tese de doutorado e depois iriam fazer parte das minhas reflexões sobre o mundo rural contemporâneo.

Esse período, sem dúvida fértil para construção de minha trajetória profissional, faria com que me defrontasse com problemas, de um lado, e com oportunidades, de outro. Com a mudança de Governo no Estado do Paraná e da orientação política na Extensão Rural, fui afastado da minha função e somente não fui demitido por participar de atividades sindicais. Com o ambiente adverso e uma linha atuação considerada como problema para o novo governo que assumia, pedi afastamento sem provimento de salários. Foi nesse período que, junto com atividades de consultoria, intensifiquei as atividades de magistério superior lecionando nas Faculdades Positivo e na Faculdade de Administração e Economia, onde permaneci por seis anos. Lecionei ainda como Professor Substituto na UFPR, por um período de um ano. Em 1989, prestei concurso na Universidade Federal do Paraná, sendo admitido em 1990.

2. Formação.

Meu interesse pela área social iniciou durante o curso de graduação de agronomia. O tempo em que realizei a graduação foi de encontros e desencontros, pois o curso de agronomia, realizado com dificuldades financeiras, não era exatamente aquele com o

¹ A proposta de uma nova extensão rural elaborada em conjunto com outros profissionais da área está nos textos registrados no Lattes como demais produções bibliográficas:

-Movimentos sociais rurais e organização social. Artigo. Curitiba:Acarpa/Emater-PR, 1987. (Outra produção bibliográfica)

-O desafio (no aparelho de Estado) de uma prática comprometida com interesses populares. Artigo. Curitiba:Acarpa, 1987. (Outra produção bibliográfica)

-Referencial para atuação com categorias de produtores na Extensão Rural do Paraná. Texto. Curitiba:Acarpa/Emater-PR, 1981. (Outra produção bibliográfica)

-Trabalho com grupos informais. Texto. Curitiba:Acarpa/Emater-PR, 1981. (Outra produção bibliográfica)

qual me identificava. A agronomia foi para mim um trampolim para ingressar na universidade uma vez que, sendo de Joinville, o Estado de Santa Catarina ofertava bolsas para estudantes realizarem o curso de agronomia, que não existia no Estado. Pensei em realizar um curso na área de sociais, mas as dificuldades financeiras não me permitiam. A bolsa que recebia não era suficiente e tive que trabalhar inicialmente em escritórios de contabilidade, bancos, e durante os dois últimos anos lecionava como estagiário na Escola Municipal Prefeito Omar Sabbag, em Curitiba. Uma vez terminado o curso, comecei a desenvolver minhas atividades no Serviço de Extensão Rural conforme explicitado anteriormente. Novamente durante esse período veio a ideia de realizar um curso sociologia, mas as cidades do interior do Paraná não ofereciam a oportunidade de realizá-lo. Foi quando decidi realizar o mestrado em Sociologia Rural, estimulado pela possibilidade de obter uma bolsa para tal finalidade.

Em 1970, iniciei o curso de Mestrado em Sociologia Rural, na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-ESALQ/USP, em Piracicaba. Dedicando-me exclusivamente ao mestrado, uma vez que tive o privilégio de ser contemplado com uma bolsa por dois anos, desenvolvi um projeto de pesquisa voltado para a compreensão do progresso tecnológico na agricultura: era a condição para obtenção da bolsa. O curso de mestrado me abriu novos horizontes, e me realizei estudando autores recomendado nas diversas disciplinas do curso. Entre as disciplinas estudadas foi marcante a de evolução do pensamento social, lecionada por José Albertino Rodrigues, que viria a torna-se referência como professor. Na época, em plena ditadura, predominavam dois paradigmas que orientavam as análises das questões agrárias: o Funcionalismo e o Marxismo. Albertino era o mestre que costurava as categorias analíticas oriundas de outras matrizes de pensamento. Entre as disciplinas que tratava do rural, interessante lembrar os estudos das Comunidades Rurais, ministrada por Maria Inês Guerra Molina, uma abordagem que ficaria esquecida, na historiografia dos estudos rurais. Outra disciplina relevante que me faria compreender a dinâmica dos processos rurais foi a de Mudança Social no Campo, quando autores como José de Souza Martins e Oriovaldo Queda me faziam entender o processo de subordinação da agricultura ao capital. Enfim finalizei o mestrado com uma dissertação que tratava da progresso técnico na agricultura, mas não na perspectiva das inovações tecnológicos, abordagem clássica da época. Analisei as alternativas agrícolas para os agricultores tidos como

“tradicionais”, sob orientação de José Molina Filho, considerando as categorias de agricultores.

Em 1990, quando já atuava como docente, na Universidade Federal do Paraná, tive contato com pesquisadores franceses, inicialmente mediante um Acordo CAPES/COFECUB, que era coordenado por um dos colegas do departamento. O plano de fazer o doutorado era uma possibilidade que não se realizou, em função dos temas que eram privilegiados pela coordenação do acordo. Meu interesse em realizar o doutorado, porém, persistiu e acabei submetendo à CAPES um pedido de bolsa/exterior. A resposta da CAPES, contudo, acabou frustrando meu plano ao me deparar com um impeditivo. Recebi como resposta o seguinte parecer, que ficaria marcado naquele momento: “Considerando o perfil da demanda e sua idade, somos de parecer desfavorável ao seu pedido”. Se, por um lado, a idade era um impeditivo para realização do doutorado no exterior, por outro, minha vivência profissional ira me estimular a me preparar para realizar o doutorado em uma universidade brasileira. Foi assim que em 1993 iniciei meu doutorado na Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP. Durante a realização do curso, tive a clara noção de que a alternativa de fazer doutorado no País fora a melhor opção. Na UNICAMP, tive aulas com professores renomados da sociologia brasileira e rural. Senti que tinha acertado o caminho. Seriam marcantes as disciplinas de teoria social, que agora me oportunizaram conhecer paradigmas diversos da análise sociológica, e as disciplinas relacionadas com mundo rural. Maria de Nazareth Wanderley, que viria a se tornar minha orientadora, na disciplina de “A Questão Agrária nas Ciências Sociais”, me faria conhecer análises do rural mediante textos acadêmicos e da literatura. Foi original a disciplina ministrada por ela e Carlos Rodrigues Brandão, que analisava o rural por intermédio de autores clássicos da Literatura Brasileira, como Guimarães Rosa, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e outros. A disciplina de Raízes Agrárias do Brasil, ministrada por Tereza Salles, me vez mergulhar em nossas raízes.

Foram os cursos relacionados com o mundo rural que me despertaram o interesse em estabelecer a ponte entre o a questão rural e ambiental. Em particular, os textos de Marcel Jollivet me abriram uma perspectiva de pesquisa que iria acompanhar minha trajetória acadêmica. Esses textos mais as disciplinas de Daniel Hogam e Leila da Costa Ferreira, que cursei como ouvinte, deram-me o passaporte para incorporar a dimensão

ambiental no meu projeto de tese e a me candidatar ao doutorado sanduíche no quadro do acordo CAPES/COFECUB coordenado por Nazareth. A oportunidade de aprofundar estudos na França voltou, e assim, durante o período de 1994 a 1995, realizei meu estágio – doutorado sanduíche – na Universidade de Paris X/Nanterre, sob orientação da professora Nicole Eizner. Nesse período, novamente singular na minha formação, pude aprofundar minhas reflexões relacionadas com as questões ambientais rurais a partir dos textos de Marcel Jollivet e me aproximar da teoria dos novos atores, cursando disciplinas de Alain Touraine. Em Nanterre aperfeiçoei a metodologia de pesquisa de minha tese e desenvolvi os instrumentos de investigação que foram aplicados na coleta de dados de campo, no meu retorno ao Brasil. Defendi minha tese em 1994, sob orientação de Maria de Nazareth Wanderley, analisando a relação entre agricultores familiares e uma rede de ONGs coordenada pela Fundação para o Desenvolvimento Econômico Rural da Região Centro-Oeste do Paraná-RURECO. Mais tarde a tese seria publicada na forma de livro pela editora da UFPR com o título “Agricultura Familiar, ONGs e Desenvolvimento Sustentável”.

O estágio doutoral em Nanterre me aproximou de pesquisadores e professores do Laboratoire Dynamiques Sociales et Recomposition des Espaces - LADYS. Assim em 2001 voltei para um novo projeto de pesquisa, agora como bolsista pós-doc, financiado pela CAPES. Meu estágio pós-doutoral foi supervisionado por Hugues Lamarche. Durante o período de pós-doc, desenvolvi o projeto de pesquisa relacionado com o movimento ecológico na agricultura. Estudei o movimento na França e também na Alemanha. Por dois meses mantive contato com pesquisadores alemães no Instituto de Desenvolvimento Sustentável, Campus de Witzenhausen, da Universidade de Kassel na Alemanha, sob a supervisão de Gotz Schmidt. Do trabalho, resultou a publicação de um dossiê, editado pela revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, com o título Caminhos da Agricultura Ecológica². O intercâmbio com a França continuou e continua até hoje. Recentemente com Jean Paul Billaud, formalizamos um acordo CAPES/COFECUB, envolvendo, além da Universidade Federal do Paraná e a de Nanterre e São Carlos, as Instituições EMBRAPA e INRA.

3. Atividades docentes

². **BRANDENBURG, A.** Caminhos da Agricultura Ecológica. Curitiba : Editora UFPR, 2003, v.1. p.121.

As atividades docentes abrangem aulas para alunos da graduação (do curso de ciências sociais e outros cursos, cujas disciplinas são ofertadas pelo departamento de política e sociologia) e pós-graduação. Além das atividades de docência em sala de aula, esta atividade compreende as atividades de orientação a alunos na elaboração de monografias, dissertações e teses, além de trabalhos em iniciação científica. Como poderá ser constatado na sequência, a maioria do conteúdo das disciplinas lecionadas tem relação com meus projetos de pesquisa ou com as abordagens teóricas aplicadas nas análises dos temas estudados.

3.1 Disciplinas lecionadas

Como docente na Universidade Federal do Paraná, lecionei três grupos de disciplinas. Um grupo formado por disciplinas de cunho teórico social, outro voltado para as questões ambientais e outro formado por disciplinas relacionadas com o mundo rural e agrário. Sempre lecionei na graduação e na pós-graduação. Quando ainda não existia a Pós-Graduação “*stricto sensu*”, lecionava no curso de Especialização em Sociologia das Organizações a disciplina “*Formatos Organizacionais de Agricultura*”. Esta disciplina inaugurava minha atuação na Pós-Graduação e me permitiu aprofundar questões relacionadas com meu objeto de pesquisa: a agricultura familiar.

Na graduação em ciências sociais, lecionei as seguintes disciplinas:

Sociologia V. Essa disciplina ministrada em conjunto com outro professor aliou meu interesse em continuar estudando autores da sociologia contemporânea e as atribuições docentes junto ao curso de graduação. Nela pude me manter atualizado nas teorias de Jurgen Habermas, Anthony Giddens, Alain Touraine, Ulrich Beck, Pierre Bourdieu, entre outros. Esses autores teriam influência teórica nos meus projetos de pesquisa e nas minhas análises sobre os temas da contemporaneidade.

Sociologia Rural. Nessa disciplina os conteúdos da teoria clássica e contemporânea sobre o mundo rural foram desenvolvidos com o intuito de proporcionar conhecimento sobre as questões rurais e despertar interesse nos alunos da graduação para os problemas agrários. Além disso, a disciplina representa o espaço de discussão dos temas diretamente relacionados com os interesses de pesquisa.

Sociologia e ecologia e sociologia ambiental. Essas disciplinas foram ofertadas considerando dois módulos: um, sobre teoria e meio ambiente, e outro voltado para

questões temáticas. O interesse nessa disciplina, assim como a de sociologia rural, está diretamente relacionado com as pesquisas desenvolvidas.

Sociedade, Espaço e Natureza. Trata dos espaços socialmente construídos nos ambientes rurais e urbanos e da relação entre eles. A disciplina é lecionada por mim e outro colega da área de sociologia urbana. É de caráter obrigatório e faz parte do currículo recentemente reformulado do curso de Ciências Sociais.

Sociologia das Sociedades Agrárias, sociologia geral, sociologia da nutrição, sociologia da administração. Essas disciplinas, entre outras, formam o elenco de disciplinas ofertadas a outros cursos que não o de ciências sociais. Salvo a primeira disciplina, não estão diretamente relacionadas com o tema de pesquisa. O Departamento de Ciências Sociais oferta disciplinas visando à formação humanista e social de alunos de diversos cursos na universidade e por isso os professores do departamento são convocados a lecioná-las.

Na Pós-Graduação leciono em dois programas. No programa de Pós-Graduação em Sociologia e no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Antes de iniciar o doutorado em sociologia participava do mestrado em sociologia e do doutorado em Meio Ambiente. Assim que abriu o doutorado em Sociologia, participei dos dois programas simultaneamente. Nesse caso, as disciplinas ofertadas para os dois cursos foram as seguintes:

Conservação da Natureza e Sustentabilidade Socioambiental. O conteúdo da disciplina tratava do conhecimento relativo à sociologia ambiental, ou das teorias contemporâneas da relação sociedade natureza. Constitui uma disciplina cujo conteúdo está diretamente ligado ao tema de pesquisa, incluindo os temas relacionados com a abordagem interdisciplinar, praticada no Programa de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Dentre os autores abordados, Jurgen Habermas, Anthony Giddens, André Gorz, Ulrich Beck, Bruno Latour, John Hanigan, Henrique Leff.

Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural. Inicialmente ministrada para o Doutorado em Meio Ambiente, essa disciplina foi reprogramada algumas vezes, para atender aos interesses dos alunos do Doutorado em Meio Ambiente e do Mestrado e Doutorado em Sociologia. O conteúdo da disciplina é formado por módulos com bibliografia que trata da teoria ambiental e da questão ambiental no Brasil. Entre os autores brasileiros,

Gilberto Freire, Sergio Buarque de Holanda, José Augusto Pádua. Para tratar do rural moderno um módulo aborda a emergência de ruralidades, mediante novos atores do mundo rural. Entre os autores, Bernard Kayser, Maria de Nazareht Wanderley, Marcel Jollivet, Ricardo Abramovay, José Eli da Veiga. Esse último módulo foi organizado em consonância com temas de pesquisa desenvolvidos ultimamente, em particular os que tratam dos novos atores na agricultura e da recomposição dos espaços rurais.

3.2 Orientações à alunos.

Uma das atividades que considero mais gratificantes na vida acadêmica é a de orientação. As orientações, de modo geral, seguiram meus temas de pesquisa. Sem nomear, muitos dos meus orientandos aproveitaram os intercâmbios para realizar estágio doutoral, trazendo contribuições não apenas para suas pesquisas, mas também para minhas atividades acadêmicas. A atividade de orientação é sempre uma atividade de aprendizado, de busca de conhecimento e de descobertas em comum. Participo de orientações na graduação do Curso de Ciências Sociais, na Pós-Graduação no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Na graduação tive diversos bolsistas de Iniciação Científica. Procurei, como orientador, contribuir com os alunos considerando as suas dificuldades e não raras as vezes convocando-os para refletir e assim motivá-los para superar seus bloqueios. Apenas dois alunos não finalizaram suas dissertações. Todos os doutorandos defenderam suas teses. Segue um resumo das orientações realizadas.

ORIENTAÇÃO CONCLUÍDA	NÚMERO
Mestrado	19
Doutorado	21
Especialização	6
Graduação	19
Iniciação científica	6
Supervisão pós-doutorado	3
EM ANDAMENTO	
Mestrado	2
Doutorado	6
Supervisão pós-doutorado	2

Fonte: Lattes

4. Pesquisa e produção científica.

Minha trajetória acadêmica me levou desde o início a privilegiar o estudo daqueles atores que ficaram à margem do processo socioeconômico de desenvolvimento: os pequenos agricultores, camponeses ou agricultores familiares. Procuo também compreender como os espaços sociais desses atores se transformam e são reconstruídos. Nesse sentido destaco quatro eixos de minha produção científica. O primeiro, relativo à **agricultura familiar e camponesa**; o segundo em que incorporo a **dimensão ambiental nos estudos dos temas do rural**; o terceiro em que analiso as **ruralidades e as transformações dos espaços rurais**; e por último trato de temas relacionados aos **novos atores do mundo rural**.

*

Logo no início da vida acadêmica, na década de noventa, meu interesse estava voltado para compreender as transformações na **agricultura familiar** e a inserção do agricultor na sociedade de mercado. Nas suas diversas formas de inserção, uma delas, em expansão naquele momento, dizia respeito à integração da Agricultura com a Agroindústria. Era uma fase em que a modernização não se restringia apenas à substituição de práticas agrícolas modernas, como aquela fomentada amplamente pelos

aparelhos de Estado, como a Pesquisa e Extensão Rural na década de 1970. A modernização era fomentada por organizações privadas, agroindústrias e cooperativas. Assim, procurei analisar, naquele momento, a forma como os agricultores mediante contratos de produção se relacionavam com a agroindústria. Em parceria com Angela Duarte Damasceno Ferreira elaboramos um projeto de pesquisa que tratou de analisar os contratos de Produção de Agricultores membros da Associação Paranaense de Suinocultores. Nesse trabalho ficou claro que a produção contratualizada não eximia o agricultor de organizar sua produção conforme seus interesses de diversificação e cultivo para o consumo. Ou seja, a unidade da produção não era especializada na atividade requerida pela agroindústria, mas somente parte dela.

As questões relacionadas com as transformações da Agricultura Familiar seriam analisadas por outros trabalhos apresentados em Encontros, Seminários e Congressos como: Inovações Tecnológicas e Reestruturação do Sistema Alimentar, 1988, Curitiba; Colloque International Agriculture et Paysannerie en Amerique Latine, 1990, Toulouse. Os trabalhos de compreensão da reorganização social e produtiva dos agricultores familiares, sob orientação teórica principalmente de Tchayanov, chamaria a atenção para a persistência da autonomia desses agricultores, embora relativa, para gerir sua propriedade. Isso me motivou a buscar na história social a compreensão das razões pelas quais esse atributo se mantinha. Ficou clara a compreensão de que a autonomia tem suas raízes no processo de formação da sociedade brasileira. O texto *Colonos: subserviência e autonomia*³, que considera as principais regiões do Brasil no processo de ocupação fundiária, deixa evidente os principais padrões de relação social do camponês. O artigo foi publicado no Livro *Para Pensar Outra Agricultura*⁴, organizado por Angela Ferreira e por mim. Esse trabalho reuniu um conjunto de textos de autores da sociologia rural que mediante seus trabalhos convidavam para pensar outros caminhos para a agricultura, no contexto de uma agricultura não excludente. Mais tarde o texto seria publicado na França, no livro: “Agriculture e Ruralité au Brésil”⁵

O tema da agricultura familiar continuaria a fazer parte de minha agenda da pesquisa, mas a partir da realização do Doutorado, na UNICAMP e do Estágio Doutoral

³ **BRANDENBURG, A.** *Colonos: subserviência e autonomia* In: *Para pensar outra agricultura*. 2a ed. Curitiba : Editora da UFPR, 2008, v.1, p. 57-108.

⁴ FERREIRA, A. D., **BRANDENBURG, A.** *Para pensar outra agricultura*. Curitiba : Editora UFPR, 2008, v.01. p.288

⁵ **BRANDENBURG, A.** *Colons: survie et autonomie* In: *AGRICULTURE ET RURALITÉ AU BRÉSIL* ed.Paris : Éditions Karthala, 2001, v.1, p. 77-103

na Universidade de Nanterre, passo a incorporar a dimensão ambiental nos estudos. O primeiro trabalho nesse sentido foi minha tese de doutorado, que foi publicado na forma de livro com o Título: ONGs Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável.⁶ Analisei as relações entre uma rede de ONGS, representados pela Fundação para o Desenvolvimento Econômico do Paraná – RURECO, na construção de projetos alternativos de desenvolvimento para a agricultura familiar. Nesse trabalho, articulo categorias sociais e ambientais, com as teorias clássicas da sociologia rural, com destaque para André Gorz, Alain Touraine, Jurgen Habermas, Celso Furtado, Maria de Nazareht Wanderley, Hugues Lamarche. Constato, assim, que a agricultura familiar persiste sob uma lógica que difere da empresa capitalista, e mediante dimensões da racionalidade e da subjetividade constrói-se uma racionalidade do tipo ecossocial ou sustentável. Mais recentemente, a agricultura familiar seria estudada considerando seu processo de ecologização ou ambientalização, conforme relato adiante. Outros enfoques e temas relacionados com a agricultura familiar e camponesa foram estudados, como segurança alimentar⁷, políticas socioambientais⁸.

*

A análise da **dimensão ambiental na agricultura familiar** me faria avançar para a abordagem interdisciplinar. A inspiração viria de Marcel Jollivet, inicialmente, e mais tarde, essa perspectiva seria reforçada pelos trabalhos de Claude Raynaud e Magda Zanoni. Esta fase de produção acadêmica me fazia refletir sobre essa forma de organização da pesquisa me levando a escrever um texto que foi publicado na Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, com o título “Modernidade, Meio Ambiente e

⁶ **BRANDENBURG, A.** Agricultura Familiar, Ongs e Desenvolvimento Sustentável. Curitiba : Editora da UFPR, 1999 p.325

⁷ . BRANDENBURG, A., Rigon, DINIZ FILHO, L. L., Cassario, Julian Perez. Atores Socioambientais, Produção e Abastecimento Alimentar In: Interfaces & Interações em Segurança Alimentar ed.Francisco Beltrão : Editora Unioeste, 2006, v.1, p. 163-202. ELL, Erica, SILVA, **Brandenburg, Alfio**, RONCONI, E.Concepções de agricultores ecológicos do Paraná sobre alimentação saudável. Revista de Saúde Pública (USP. Impresso). , v.46, p.218 - 225, 2012.

⁸ BRANDENBURG, A., FERREIRA, A. D. Agricultura e políticas socioambientais rurais In: Sustentabilidade: uma paixão em movimento ed.Porto Alegre : Sulina, 2004, v.1, p. 62-78. **BRANDENBURG, A.**Socioambientalismo e novos atores na agricultura In: Brasil Rural Contemporâneo : estratégias para um desenvolvimento rural de inclusão ed.Londrina : EDUEL, 2004, v.1

interdisciplinaridade”⁹. A análise da questão ambiental, contudo, manteve-se circunscrita ao âmbito do rural, analisando os potenciais e limites da sustentabilidade da agricultura familiar.¹⁰ Constatou-se que a agricultura familiar apresenta, pelo seu formato organizacional, um potencial de sustentabilidade socioambiental, mas ao mesmo tempo enfrenta limites ao seu processo reprodutivo na medida em que o ambiente natural, mediante o código de preservação ambiental, não considerando a sua lógica familiar impõe restrições. A agricultura familiar e camponesa traz um conhecimento, um saber ambiental que a legislação preservacionista desconsidera. Assim, nos estudos, continuei articulando categorias relativas à sociologia rural e com sociologia ambiental baseado na premissa de que os paradigmas clássicos da sociologia rural não davam conta das análises ambientais. O texto “Ciências Sociais e Ambiente Rural”¹¹: principais temas e perspectivas analíticas” justificaria a pertinência da associação dos referenciais da sociologia rural e ambiental mediante um balanço da produção do conhecimento da sociologia ambiental rural até aquele momento. Outro texto “Dimensões Socioambientais do Rural Contemporâneo”¹², iria na mesma direção. Esse conjunto de textos reflete minha participação no Programa de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, no qual orientei a formação de discentes segundo o paradigma interdisciplinar de pesquisa. Diversos trabalhos foram elaborados em parceria com Professores – especialmente com Angela Duarte Damasceno Ferreira – e orientandos. Os momentos mais fecundos da produção interdisciplinar, sem dúvida, foram as oficinas de pesquisa, do qual participaram Angela Duarte, D. Ferreira (Socióloga), Naldi Emerson Canali (Geógrafo), Leonardo Cordeiro dos Santos (Geógrafo). A experiência em pesquisa interdisciplinar e a concepção metodológica da pesquisa no Doutorado em Meio Ambiente estão sistematizadas no texto: Construção interdisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR¹³

9 BRANDENBURG, A. Modernidade, Meio Ambiente e Interdisciplinaridade. Desenvolvimento e Meio Ambiente. , v.3, p.49 - 60, 1998

¹⁰ BRANDENBURG, A., ROCHA, J. M. Limites e desafios da agricultura familiar: a sustentabilidade em questão. Redes (Santa Cruz do Sul). , v.08, p.93 - 104, 2003

¹¹ BRANDENBURG, A. Ciências Sociais e Ambiente Rural: principais temas e perspectivas analíticas. Ambiente e Sociedade (Campinas). , v.III, p.51 - 63, 2005.

¹² BRANDENBURG, A., FERREIRA, A. D., SANTOS, L. C. Dimensões socioambientais do rural contemporâneo. Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFPR). , v.10, p.119 - 126, 2005.

¹³ **Brandenburg, Alfio**, FLORIANI, D., FERREIRA, A. D., ANDRIGETTO FILHO, J. M. Construção interdisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR In: Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação.1

O estudo do ambiente rural, em especial dos agricultores familiares, na perspectiva interdisciplinar culminaria com a organização de dois livros que apresentam uma abordagem inovadora no tratamento das relações homem-natureza. Um deles, “Agricultores ecológicos e o ambiente rural; visões interdisciplinares”¹⁴, analisa um espaço ocupado por agricultores ecológicos, na Região Metropolitana de Curitiba. Trata das relações dos agricultores com ambiente natural e o conhecimento aplicado na agricultura, da preservação dos recursos naturais, da produção dos alimentos e da alimentação, do processo de transição produtiva e da construção de uma racionalidade ambiental. O tema gerador da pesquisa foi a “Agroecologia”, que surgiu da demanda dos agricultores da Rede Ecovida. Esse projeto por mim coordenado, desenvolvido de maneira interdisciplinar, contou com a participação de doutorandos com formação na área de ciências sociais, agronomia, geografia e nutrição¹⁵. Ressalta-se nesse trabalho que os agricultores constroem uma relação com a natureza que não se restringe às práticas de produção agrícola. A ecologização da agricultura traz consigo a ecologização do ambiente, incluindo a conduta humana. Das práticas agrícolas ao ator, o processo ecológico atinge múltiplas dimensões. Nesse sentido, a agricultura familiar passa a ser interpretada sob diferentes olhares da sustentabilidade num espaço em que a natureza também é parte do social. Constata-se que a água, um dos principais patrimônios naturais para o agricultor, é objeto de cuidado nas suas nascentes. Análise realizada com objetivo de verificar a qualidade da água de rios próximos das propriedades com práticas ecológicas indicou que o IQA (Índice de Qualidade da Água) mostrou-se superior aos rios próximos das propriedades cultivadas de forma convencional. No que se refere ao uso da terra, fica evidente que os saberes vernaculares praticado pelos agricultores produzem resultados semelhantes às técnicas modernas, quanto à aferição de fertilidade de solo e a identificação de melhores terras para fazer agricultura. Esses saberes, mediante um processo dialógico com técnicas modernas, também são retomados no cultivo de plantas e criação de animais.

Estudando grupos de certificação participativa, verificou-se que os círculos de debate dinamizam o diálogo de saberes, proporcionando aos agricultores a oportunidade

ed.Barueri : Manole, 2011, v.1, p. 342-378.

¹⁴ **BRANDENBURG, A.**, FERREIRA, A. D. Agricultores ecológicos e o ambiente rural: visões interdisciplinares. São Paulo : Anablume, 2012, v.1. p.278.

¹⁵ **BRANDENBURG, A.**, ALMEIDA, L., ELL, Erica, CRISPIN, J. Q., RUCSZCZYK, J. C., FLORIANI, N., ZONIN, W. J.

Agroecologia e pesquisa interdisciplinar In: Agricultores ecológicos e o ambiente rural: visões interdisciplinares. 1 ed. São Paulo : Anablume, 2012, v.1, p. 33-48.

de se afirmarem como sujeitos de construção de sua nova prática. Em outro trabalho, que não faz parte desta coletânea,¹⁶ a análise da noção de sujeito de direito e sujeito social, também se constata como a certificação participativa proporciona espaços para o surgimento desses “novos sujeitos” da agricultura.

Ficou também claro que a agroecologia está associada a uma noção de saúde relacionada com um padrão alimentar em que os produtos com uso de agrotóxico não têm mais espaço. Reconstroem-se novas dietas alimentares e desenvolvem-se atividades de produção para consumo que a modernização especializada em culturas de mercado acabou por extinguir. Esse conjunto de elementos relacionados com um processo de transição, de uma agricultura convencional para uma agricultura ecológica, evidencia que não se verifica apenas uma mudança nas práticas de exploração agrícola, mas também em um conjunto de fatores ou dimensões orientadores da ação dos agricultores, construindo-se uma racionalidade ambiental em oposição à racionalidade instrumental.

*

Outro trabalho, também fruto de uma pesquisa interdisciplinar, daria visibilidade ao processo de **construção de um rural socioambiental**: “Do rural invisível ao rural que se reconhece: dilemas socioambientais da agricultura familiar”¹⁷. O tema para o qual convergiram as investigações foi a “Agricultura Familiar”. Nesse caso, participo como membro do grupo de pesquisa e orientador de duas teses. Diversos artigos se complementam, tratando dos sistemas agrários, das estratégias de reprodução social, da paisagem, das políticas públicas e dos espaços construídos pela agricultura familiar. Fica explícito o dinamismo de um rural outrora secundarizado, ou oculto, em função das atividades da metrópole. Um rural que permanece heterogêneo com atores enfrentando dilemas ambientais, de um lado, restritivos às suas atividades, e de outro, estratégicos para sua reprodução e sobrevivência.

A dinâmica dos espaços rurais foi mais diretamente analisada nos artigos

¹⁶ **Brandenburg, Alfio**, ISAGUIRRE, k.

Ruralidade, cidadania e meio ambiente: a contribuição da agroecologia para a sustentabilidade ambiental In: A lei agrária nova.1 ed.Curitiba : JURUÁ, 2014, v.IV, p. 101-135.

¹⁷ FERREIRA, A. D., **Brandenburg, Alfio**, CORONA Hieda. Do rural invisível ao rural que se reconhece: dilemas socioambientais na agricultura familiar. Curitiba : UFPR, Kairós edições Ltda, 2012, v.1. p.368.

“Recomposição dos Espaços Rurais e a agricultura familiar na Região Metropolitana de Curitiba”¹⁸ e “A quem pertence os espaço rural?: as mudanças na relações sociedade/natureza e o surgimento da dimensão pública do espaço rural”¹⁹. No primeiro caso, constata-se que as políticas públicas exercem papel importante na repatrimonialização de parte dos recursos naturais, especialmente as florestas com funções de interesse social, mas ao mesmo tempo a mudança de práticas sociais e produtivas decorrente desse processo acaba por comprometer a reprodutibilidade dos agricultores familiares. No, segundo caso, a produção de espaços sociais torna-se uma questão de disputa de interesses nem sempre pactuados entre atores e organismos governamentais. Dessa forma, produz-se uma espécie de espaço de interesse público, na medida em que suas funções prioritárias não estão voltadas ao interesse especificamente dos atores que têm domínio sobre a terra, mas dirigidas a interesses societários de conservação da natureza, proteção da biodiversidade, equilíbrio climático etc. No caso dos agricultores familiares essa questão é particularmente relevante, uma vez que a lógica subjacente às medidas de proteção ambiental contraria a lógica de gestão de recursos naturais relacionados à sobrevivência dos agricultores. Confrontam-se, nesse caso, um saber ambiental que permite uma coexistência entre homem e natureza, e um conhecimento técnico que os separam, como se os interesses daquele fossem antagônicos à reprodução desse.

Os temas relativos à reconstrução do rural também seriam estudados por mim em outro grupo de pesquisa, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Embora esses dois grupos complementam-se de forma interativa, há especificidades em relação à questão metodológica. Enquanto no Doutorado em Meio Ambiente a abordagem é necessariamente interdisciplinar, no Programa da Sociologia a abordagem é disciplinar ou no máximo multidisciplinar, em alguns casos. Nesse sentido, o Livro “Ruralidades e Questões Ambientais: estudo sobre estratégias, projetos e políticas”²⁰ trata de um conjunto de textos sobre as estratégias e projetos dos agricultores familiares,

¹⁸Brandenburg, Alfio, SOUZA, C. R. Recomposição dos espaços rurais e agricultura familiar na Região Metropolitana de Curitiba. Novos Cadernos NAEA. , v.12, p.89 - 114, 2009.

¹⁹THOMAZ DE SOUZA, Osmar, **Brandenburg, Alfio** A quem pertence o espaço rural? as mudanças na relação sociedade/natureza e o surgimento da dimensão pública do espaço rural. Ambiente e Sociedade (Campinas). , v.XIII, p.51 - 64, 2010.

²⁰BRANDENBURG, A., FERREIRA, A. D., FLORIANI, D., SILVA, O. H.. Ruralidades e Questões Ambientais: estudos sobre estratégias, projetos e políticas. Brasília : MDA (NEAD ESTUDOS), 2007, v.1. p.398.

as políticas públicas para o meio rural; os assentamentos, e finalmente os projetos e conflitos socioambientais relacionados à reconstrução do rural. São textos diretamente vinculados à construção de um rural, cujo protagonista é o agricultor familiar, que mediante diferentes estratégias e projetos recria suas condições de vida. Assim, esse ator busca renovar-se na agroecologia, na indústria artesanal, com apoio de organizações de assistência, das organizações financeiras e das instituições que os representam como a Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar. O sindicalismo surge como uma novidade nesse cenário, na medida em que representa um ator que antes era representado no Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura. Fortalecidos na sua representação política, os agricultores familiares adquirem visibilidade no campo de disputas de projetos de reconstrução do rural. Nesse jogo de forças, multiplicam-se numericamente via assentamentos rurais e inauguram novos espaços de ruralidade na medida em que contribuem para dinamizar a vida social e econômica do campo.

Esse movimento de reconstrução do rural, ou de ruralidades, não se revelaria sem que a questão ambiental se apresentasse, novamente, como um dilema. A questão ambiental é ao mesmo tempo societária e rural, mas, sem dúvida, seu impacto mais imediato se evidencia no rural, como no caso das construções de usinas hidroelétricas, ou no caso das áreas de preservação ambiental. Em ambos os casos, os agricultores familiares e camponeses são os mais atingidos. O ambiente rural sofre transformações decorrentes da execução de projetos que de forma recorrente não são concebidos considerando os interesses dos seus atores. São de interesse da sociedade como nos casos anteriores, ou de interesses de grupos vinculados ao grande capital, como no caso das sementes. Este caso afeta mais que diretamente o patrimônio do saber camponês. A transgenia e os processos híbridos de concepção de sementes dominam largamente a agricultura, afetando não apenas a produção, mas também a soberania desses agricultores.

Este trabalho traz, enfim, estudos de novas configurações rural-urbano, onde os espaços construídos com a finalidade de dinamizar o rural mediante atividades de turismo são mediados por agricultores e consumidores urbanos. Esse encontro de atores de procedência distinta se realiza mediante um apelo a uma tradição rural e uma modernidade que promove o reencontro com os sentimentos da natureza.

O rural, no que se refere ao Estado do Paraná, mantém-se diversificado, como

mostram as pesquisas. Há também nitidamente um rural especializado em torno dos pequenos municípios, cujas atividades são predominantemente agrícolas, como mostra o texto “Vida social e trabalho no campo: estudo sobre a diversidade do espaço rural nos pequenos municípios paranaenses”²¹. Nesses municípios constata-se ainda um forte contingente populacional morando no campo, com núcleos ou vilas rurais. Há, dessa forma, um rural onde a vida social constitui a referência de um rural vivo que se reproduz e se reprojeta em contextos de modernidade.

Os estudos sobre o mundo rural e ruralidades vêm fazendo parte de minha agenda de pesquisa mais recente, a partir de uma compreensão de que o rural se reproduz de maneira heterogênea e sendo reconstruído por atores que tecem espaços sociais complementares ao mundo urbano, configurando novas relações rurais-urbanos. Não se trata mais de um rural em oposição ao urbano e nem de um rural que perde sua especificidade em decorrência de um crescente processo de urbanização. Trata-se de um rural que se recompõe e se reestrutura a partir da ação de atores com diferentes projetos relacionados com seus interesses e com as demandas oriundas da sociedade. Identifica-se um processo de urbanização da vida no campo ao mesmo tempo em que se afirmam estilos de vida de inspiração rural. O rural se reconstrói ou se ressignifica, não desaparece como preconizavam as teses clássicas de vertente socioeconômicas; daí a pertinência de se estudar e qualificar as ruralidades emergentes. Essa perspectiva de pesquisa vai em direção aos estudos de Kayser e Wanderley, sobre o ressurgimento do rural.

*

Central nos estudos das transformações recentes do mundo rural são, sem dúvida, **os novos atores**. Há vários projetos em disputa na construção do rural recente, e entre esses personagens situam-se aqueles que reproduzem não apenas um espaço de produção agrícola, mas também de vida social. Os agricultores familiares e camponeses, após experimentarem um processo de modernização, no sentido de praticar uma agricultura agroindustrial, resgatam experiência e saberes pertinentes à gestão dos

²¹ **Brandenburg, Alfio**, ULHÔA E CINTRA Vida social de trabalho no campo: um estudo sobre a diversidade do espaço rural nos pequenos municípios paranaenses. Psicologia: Teoria e Pesquisa (UnB. Impresso). , v.vol 19, p.1 - 10, 2011.

recursos naturais, reapropriando-se da natureza nos seu processo produtivo. Assim, inclui-se na ação desses atores a dimensão ecológica. Foi a partir da realização do estágio pós-doutoral, na França que o tema dos novos atores no campo começou a ganhar destaque na minha agenda de pesquisa. Refletindo sobre um rural que caminha para desempenhar sua função ambiental e ecológica na sociedade, tive a oportunidade, nesse momento, de buscar as origens do movimento ecológico na agricultura. No texto “Movimento ecológico na agricultura; trajetória, contradições e perspectivas”²², que faz parte de uma coletânea por mim organizada²³, situo três momentos importantes na compreensão desse movimento: gênese, expansão e institucionalização. Surgido em pleno período da modernização intensiva na forma de agricultura alternativa, hoje ele encontra-se institucionalizado e organizado em Redes. Não seria, todavia, o único no mundo rural, mas um entre outros movimentos, tal como o Movimento de Seringueiros, que fariam um conjunto de forças sociais de reação a um processo de dominação cultural e política, conforme analiso no texto “A Colonização do mundo rural e a emergência de novos atores”²⁴. Inspirado na categoria de sujeito, de Alain Touraine, passo a ver os movimentos ecológicos como “novos” ao lado dos movimentos culturais. O próprio movimento ecológico pode ser visto como cultural, considerando que no sentido “*stricto*” do termo o movimento ecológico na agricultura não apenas aponta para um novo paradigma produtivo, mas também implica uma nova forma de viver e ver o mundo, de reagir ao processo dominante de um modo de fazer agricultura e de se posicionar criticamente diante da sociedade de mercado. Institui-se um novo sujeito no campo, um sujeito ecológico, que formula projetos em conexão com o movimento da natureza e com um estilo de vida crítico à sociedade de consumo. Nesse sentido, o agricultor ecológico ou o camponês volta a ser ator, reapropriando-se de um saber-fazer relegado a um segundo plano pela dominação tecnológica agroindustrial.

Interessante registrar a observação de que os movimentos ecológicos e ambientalistas, nas suas relações com outros movimentos sociais, acabam por produzir uma espécie de “verdeamento” dos movimentos sociais. Constata-se, assim, que no Movimento dos Sem Terra-MST, a agricultura ecológica aparece opondo-se ao modelo

²² **BRANDENBURG, A.** Movimento agroecológico: trajetória ,contradições e perspectivas. Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFPR). , v.N.6, p.11 - 28, 2003.

²³ **BRANDENBURG, A.** Caminhos da Agricultura Ecológica. Curitiba : Editora UFPR, 2003, v.1. p.121.

²⁴ **Brandenburg, Alfio** A colonização do mundo rural e a emergência de novos atores. Ruris (Campinas). , v.4, p.167 - 194, 2012

da agricultura industrial ou do “agronegócio”, como uma bandeira de luta e ao mesmo tempo como componente identitário do movimento²⁵. No âmbito dos assentamentos, embora não se possa generalizar, há um processo crescente de ecologização, conforme se constatou na pesquisa realizada, sob minha orientação, por Adriano Valadão²⁶. As jornadas de agroecologia são manifestações que reiteram o propósito do movimento rumo a outro modelo de agricultura. O mesmo processo também é constatado no movimento sindical. Verificou-se que no âmbito Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul FETRAF-Sul, um novo modelo de desenvolvimento agrícola é discutido, isto é, um modelo alternativo apoiado em princípios da agricultura ecológica²⁷. Tal como a ecologia o tema ambiental passa a fazer parte das agendas de discussões do sindicalismo, principalmente da agricultura familiar.

O estudo do movimento ecológico na agricultura me faria acumular “capital” para elaborar um projeto de pesquisa de âmbito internacional. “A agroecologia na França e no Brasil: entre redes científicas, movimentos sociais e políticas públicas”, foi uma proposta elaborada juntamente com pesquisadores nacionais e internacionais, apresentada ao Edital CAPES/COFECUB, em 2010. Aprovado, este projeto proporcionou aos doutorando a possibilidade de realização de estágios e de complementação de sua formação. Vários professores e pesquisadores realizaram intercâmbio tendo a oportunidade de realizarem pesquisas e produzirem textos em conjunto, de forma comparativa. Como resultado, foram publicados artigos em revistas e congressos nacionais e internacionais. Entre as publicações, o Livro: “Redes de Agroecologias: experiências no Brasil e na França”²⁸ reúne os principais trabalhos do acordo. Os capítulos do livro trazem artigos cujas análises perpassam as redes científicas, os movimentos sociais e as políticas públicas. Dessa forma, os autores analisam as redes de intercâmbio; a produção científica em agroecologia; a institucionalização do movimento ecológico e as redes alternativas de mercado; a

²⁵ VALADÃO, Adriano da Costa, **Brandenburg, Alfio**. Ações propulsoras da agroecologia nos assentamentos rurais In: Meio ambiente, crise e cidadania: tensões e articulações no debate ecológico. 1 ed. Ponta Grossa : Todapalavra, 2011, v.1, p. 1-274.

²⁶ Adriano da Costa Valadão. **Transição agroecológica nos assentamentos rurais: estratégias de resistência e produção de novidades**. 2012. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná

²⁷ PICOLOTTO, E. L., **Brandenburg, Alfio**. Sindicalismo da agricultura familiar, modelos de desenvolvimento e o tema ambiental In: Agroecologia: práticas e políticas para uma nova agricultura. 1, 2013, p. 105-138

²⁸ BRANDENBURG, A., BILLAUD, J.P. LAMINE, C. Redes de Agroecologias: experiências no Brasil e na França. Curitiba : Kairós Edições, 2015.

relação entre as agroecologias, a ética e a sustentabilidade. Importante a destacar no conjunto destes trabalhos e a noção de redes. No mundo contemporâneo parece cada vez mais evidente que as articulações em rede desencadeiam ações de continuidade, de complementaridade, de troca, de sinergia e nesse caso de construção de projetos. As redes dinamizam fluxos de informações que cada um dos grupos de atores processa segundo seus domínios, isto é, conforme o domínio da academia, dos movimentos sociais, da prática da gestão, da produção etc. Há nessas redes eventos não planejados ou imprevistos, mas que são produtos da criação de seus atores. Não importa nesse caso se os atores são os agricultores, os pesquisadores, docentes, discentes, gestores ou politicólogos, mas as conexões ou construções que surgem a partir dos interesses da ecologia. As criações, produções, ou as novidades são assim multiplicadas pelos diversos atores da rede. O título do livro, nesse sentido, representa uma constatação e também uma contribuição que os estudos trazem para a compreensão da dinâmica de rede.

Várias questões suscitam a continuidade dos debates e pesquisas, após o balanço realizado deste projeto. Indaga-se sobre o futuro do debate científico da agroecologia, considerando que outras ondas temáticas, tais como a multifuncionalidade, a pluriatividade, a sustentabilidade, parecem ter recuado nas agendas de pesquisa. Considerando as controvérsias das conjunturas e instituições que suportam a investigação, terá a agroecologia condições de impor significativas questões de modo recorrente para sustentar um debate sociológico, mas que também tenha alcance multidisciplinar? Poderá a ecologia contribuir com a construção de uma racionalidade que possa fazer frente à expansão da racionalidade instrumental? Talvez somente a realidade da expansão de seu movimento – e sua relevância social – possa responder à questão.

Estudando o movimento ecológico e a recomposição dos espaços rurais, tenho a percepção de que a agroecologia, ou as diferentes ecologias, constroem relações e espaços sociais rurais ecologizados e também ambientalizados concomitante a um rural tradicional onde a natureza não é pensada como uma construção segundo a demanda de uma sociedade moderna, mas como uma dimensão reprodutiva relacionada à sobrevivência. Nessa perspectiva, ocorrem processos reprodutivos por referência a um “habitus”, constituído por padrões decorrente de uma continuidade da condição camponesa, ao mesmo tempo em que ocorrem processos sociais reflexivos no sentido

de uma modernidade construída reflexivamente. Há nessa reflexividade (conforme Giddens) uma ruralidade construída em termos dos novos atores, como os agricultores familiares e camponeses. Todavia outros atores, como as empresas e os setores do agronegócio constroem ruralidades, fundamentadas em uma lógica de organização sociotécnica que difere desses atores referidos. Nesse caso, o espaço do rural revela um ambiente natural controlado pelo processo de agroindustrialização em decorrência principalmente dos interesses mercantis e de exploração dos recursos naturais. Configuram-se, assim, padrões distintos de relação sociedade-natureza em conformidade com espaços construídos segundo as lógicas dos diferentes atores. Sob esse ponto de vista, ratifico que o mundo rural só pode ser entendido a partir da análise da emergência de diferentes ruralidades, construídas por atores de interesses e projetos distintos.

Finalmente, após essa passagem por temas e abordagens de pesquisa, é preciso fazer a pergunta: Quais projetos, quais temas e abordagens a serem privilegiadas, na continuidade de minha vida acadêmica? Embora as questões de pesquisa sempre se coloquem durante os processos de investigação, as últimas pesquisas sobre o movimento ecológico e sobre ruralidades nos incitam a dar continuidade aos estudos dos temas que incluem ambientalismo e ecologismo. Sob meu ponto de vista, a ecologia se transformou numa espécie de “bastão” questionador do mundo contemporâneo. A perspectiva de um “estilo de vida” que se globalizou por conta de um projeto de modernidade excludente esgota-se nos limites de modelo de desenvolvimento que já vem sendo questionado formalmente por instituições acadêmicas, políticas e organizações da sociedade civil, desde a década de setenta. Ao mesmo tempo assiste-se a emergência de estilos de vida diversos, relacionados com interesses de atores que se instituem como sujeitos construtores de projetos sociais que se contrapõem ao domínio da racionalidade instrumental. São atores que lutando por reconhecimento, embora com pouca visibilidade social, articulam-se mediante redes e conexões informais, segundo Melluci. Desvelar a ação desses atores e compreender como se organizam e se relacionam com a sociedade, constitui tarefa que se inscreve na agenda de meus estudos. Nesse sentido, entendo que as categorias analíticas relacionadas com ecologia política e com os processos sociais de caráter emancipatório encontram-se no centro das investigações e abrem novos horizontes teóricos. Busco inspiração, em autores que desconstroem certa colonialidade paradigmática que limita a compreensão de nossas

condições sociais e nossos potenciais de avanços sociais. Torna-se mister compreender nossas raízes culturais, pensando em Sergio Buarque de Holanda, Gilberto Freire, nas transformações do mundo agrário, e em investigações mais recentes que apontam para novos caminhos de investigação, como o fizeram José Augusto Pádua, Henrique Leeff, Martinez Alier. Contudo, procuro me distanciar de uma perspectiva que faz lembrar certo “chauvinismo acadêmico” e endogâmico. Penso em paradigmas orientados epistemologicamente a conhecimentos relacionados com as raízes culturais dos atores sem excluir a possibilidade de um diálogo norte-sul. Nesse sentido é possível compreender os atores da ecologia, sendo interpretados com abordagens que fundamentam processos de emancipação social, tal como faz Alberto Melluci, Boaventura Souza Santos, André Gorz. Esta perspectiva abre nova frente para pesquisas e nos faz pensar em referências analíticas alinhadas, entre outras vertentes, com os pensadores da Escola de Frankfurt (Habermas e Honett), com a teoria da estruturação (Giddens), com a sociologia de sujeito (Alain Touraine). Essa perspectiva analítica que alia ecologia política e processos emancipatórios caracteriza, assim, o que se poderia chamar de uma ecossociologia, ou de uma sociologia, com o objetivo de compreender processos emergentes que recuperam sentido da vida dos atores sociais. Compreender o estilo de viver ecológico, emergente na sociedade contemporânea, estaria, dessa forma, no bojo dessa busca. A investigação de novos temas e atores, como os jovens rurais, movimentos ecológicos e ambientalistas, camponeses, consumidores, a recomposição dos espaços rurais, situaria assim nessa mesma perspectiva de análise. Se o olhar para esses temas da contemporaneidade me faz eleger novas abordagens ou teorias, por outro lado sinto-me inspirado em clássicos de Sergio Buarque de Holanda, Antonio Candido, Maria Izaura de Queiros, Octavio Ianni, Florestan Fernandes, José de Souza Martins, Maria de Nazareth Wanderley, entre outros, no sentido de estabelecer conexões com nossas raízes históricas.

Entre os diversos personagens do mundo rural, aqueles que se reconstroem reflexivamente considerando uma condição camponesa certamente estarão no centro do debate e dos processos de investigação. Refiro-me às categorias portadoras de uma racionalidade, que se não específica, diferenciada dos atores que reproduzem a racionalidade dominante do sistema econômico. Nesse contexto, é que situo os estudos dos atores emergentes, ou novos sujeitos. Aqueles que após um domínio de paradigmas econômico e culturalmente excludente, “voltam a ser ator”. Que tipo de ruralidade

emerge a partir desses novos sujeitos ou atores, qual a nova configuração entre rural e urbano a partir de relações socioambientais? Estaria se constituindo no interior na sociedade movimentos ou atores que apontam ruralidades de modernidade diferenciada? Essas são questões que me convidam a pensar e a realizar novos projetos de investigação

*

Quantitativamente minha produção acadêmica encontra-se registrada no Lattes. Para fins de melhor visualização, sintetizo na tabela seguinte as publicações realizadas no período.

Quadro 2. Publicações

TIPO DE PUBLICAÇÃO	NÚMERO
Artigos em periódico	22
Livros	3
Capítulos de livros	25
Livros e edições de revistas organizadas	8
Trabalhos publicados em anais de eventos	36
Prefácios	1
Apresentações	2

Fonte: Lattes

5. Participação em grupo de pesquisa.

Minha atuação como pesquisador insere-se em dois grupos de pesquisa. Um de caráter mais informal, vinculado ao Curso de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Nesse grupo a atuação se realiza mediante a construção de programas coletivos de pesquisa nas Oficinas de Pesquisa, programadas pelo Curso. A participação nessas oficinas interdisciplinares vem ocorrendo desde 1993. Participam do grupo professores e alunos da Linha de Pesquisa Ruralidade, Ambiente e Sociedade. O grupo é multidisciplinar, participando pesquisadores da área de ciências sociais e naturais.

O segundo grupo de pesquisa de que participo, e coordeno, está registrado no

CNPq/Diretório de Grupos de Pesquisa. <http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/home.jsf?faces-redirect=true> Trata-se do **Centro de Estudos Rurais e Ambientais do Paraná – CERU**. Este grupo vincula-se ao Departamento de Ciências Sociais e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Participam do grupo professores e alunos do Departamento de Ciência Política e Sociologia. Além disso, fazem parte dele também pesquisadores de outros programas de Pós-graduação como de Antropologia, de Nutrição e Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento.

6. Participação e organização de eventos

A participação em eventos científicos sempre foi motivo de apresentação de textos preliminares ou prévios à submissão de revistas ou periódicos. Participei como apresentador de trabalhos, de vários eventos nacionais e internacionais ligados à área de rural, principalmente, mas também de eventos de caráter social mais geral. A tabela seguinte mostra os tipos de eventos e número de participações com e sem apresentação de trabalhos.

Quadro 3. Participação em eventos, na forma de ouvinte ou apresentação de trabalhos.

EVENTOS	NÚMERO
Participação em congressos	28
Participação em seminários	9
Participação em simpósios	4
Participação em encontros	12
Outros	7

Fonte: Lattes

Além da participação nesses eventos, recentemente participei da organização ou coordenei os seguintes eventos:

II Encontro da Rede de Estudos Rurais, realizado entre 11 a 14 de setembro de 2007, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. O encontro teve como tema: O desafio do conhecimento do mundo rural. Participei como membro da comissão organizadora.

IV Encontro da Rede de Estudos Rurais, realizado entre 6 a 9 de julho, na Universidade

Federal do Paraná em Curitiba. O encontro teve como Tema: Mundo rural, políticas públicas, instituições e atores em reconhecimento político. Participei como coordenador geral do evento.

I Jornada Questão Agrária e Desenvolvimento, realizado entre 16 a 18 de novembro de 2011, no Assentamento Contestado na Lapa. O evento teve como tema: Dimensões e perspectivas do sujeito no campo paranaense na multidimensionalidade da questão agrária. Participei como membro da comissão organizadora.

II Jornada Questão Agrária e Desenvolvimento, realizado entre 6 e 8 de novembro de 2013, na Universidade Federal do Paraná. O evento teve como tema: Projetos sociais e políticas públicas em disputa. Participei como coordenador geral do evento

III Jornada Questão Agrária e Desenvolvimento, a realizar-se entre 12 e 13 de novembro de 2015, na Universidade Federal do Paraná. O evento tem como tema: Os sujeitos na soberania alimentar. Participo como coordenador geral do evento.

Seminários de Sociologia Política. Desde a organização do primeiro evento, participo do Seminário de Sociologia Política organizado pelos alunos do Programa de Pós-Graduação em Sociologia. E evento está na sua sexta edição.

7. Intercâmbios internacionais

A aproximação com pesquisadores em eventos e em estágios da vida acadêmica permitiu que se celebrassem acordos e projetos de intercâmbios com universidades e centros internacionais de pesquisa. Assim, desde o curso de doutorado, mantive relações com pesquisadores do Laboratoire de Dynamiques et Espaces Sociales-LADYS, da Universidade Paris Ouest- Nanterre. Lá também realizei meu estágio doutoral e pós-doutoral estreitando relações com Hugues Lamarche e Jean Paul Billaud. As relações com o Ladys mantiveram-se e vários orientandos meus lá fizeram seu estágio doutoral. Com Jean Paul Billaud, coordenei o Acordo CAPES/COFECUB 716/11, mediante projeto de pesquisa já relatado anteriormente. Participam do projeto, do lado brasileiro, alunos e docentes da Universidade Federal do Paraná, da Universidade Federal de São Carlos e pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária-EMBRAPA. Do lado francês, pesquisadores do Ladys – Universidade Paris X/Nanterre e pesquisadores do Institut National de Recherche Agronomique-INRA.

Durante meu Estágio Pós-doutoral, no LADYS, estabeleci contato com pesquisadores alemães, entre eles Gotz Schmidt, do Instituto de Desenvolvimento

Sustentável, em Witzenhausen, campus da Universidade de Kassel. Com Gotz cheguei a elaborar um projeto de pesquisa, mas sua aposentadoria impeliu a que o projeto fosse abortado. No entanto, na Alemanha pude observar e estudar o movimento ecológico levando-me a organizar o dossiê “Caminhos da Agricultura Ecológica”²⁹, que analisa os movimentos ecológicos no Brasil, na França e na Alemanha.

Em 2009, no Congresso Brasileiro de Agroecologia realizado em Curitiba conheci Pierre Stassart, pesquisador Belga, que trabalha na equipe do sociólogo rural Marc Mormont. Com Pierre, formulamos um acordo interuniversitário e elaboramos em projeto de pesquisa, apresentado ao CNPq, que infelizmente não foi aprovado. Mesmo assim o intercâmbio continuou, e dois pesquisadores vinculados ao programa de Pós-Graduação realizaram estágio na Bélgica. Os intercâmbios entre a Universidade de Nanterre/França e a Universidade de Liege – Campus de Arlon continuam.

8. Participação em Associações Científicas.

Embora tenha participado na organização de congresso e eventos, minha participação em cargos de Associação Científica ocorreu mais recentemente. Fui tesoureiro da Rede de Estudos Rurais, por duas gestões, membro do conselho consultivo por duas, e ultimamente faço parte do conselho fiscal.

9. Atividades de consultoria e parecer.

As atividades acadêmicas incluem crescentes demandadas de consultas para realização de pareceres em artigos de revistas, livros, editais de pesquisa em agências de pesquisa como CAPES, CNPq e Fundações Estaduais. Com bolsa produtividade, essa demanda tem aumentado ainda mais, considerando principalmente a obrigatoriedade de emitir pareceres ad-hoc. Esta atividade, embora onerosa, permite que se acompanhe o movimento das pesquisas, das perspectivas analíticas em jogo e da natureza de pesquisa que se realiza no Brasil. Conforme se pode constatar no Lattes, o recente crescimento de pareceres soma um total de X. Tenho participado também em comissões de premiação de teses de Entidades Científicas, como Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia

²⁹ **BRANDENBURG, A.** Caminhos da Agricultura Ecológica. Curitiba : Editora UFPR, 2003, v.1. p.121

Rural/SOBER, Associação Nacional de Pesquisa em Ambiente e Sociedade/ANPPAS, além de concursos promovidos pelo CNPq.

10. Atividades administrativas

Durante minha trajetória como docente na Universidade Federal do Paraná assumi as seguintes atividades administrativas:

Em agosto de 1991 fui levado a assumir o cargo de Chefe de Departamento de Ciências Sociais, em função da aposentadoria do titular. Após um ano de chefia, pedi afastamento para realizar o Curso de Doutorado.

Em 1999, assumi a coordenação do Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, cargo que exerci por dois anos. Considerando o caráter interdisciplinar do curso, coordenei uma equipe de pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento.

Em 2010, assumi a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e fui reconduzido ao cargo em 2012, permanecendo por mais dois anos. Nesse período institucionalizamos diversos procedimentos administrativos, realizamos o ajuste curricular e revisamos o Regimento interno do curso.

Além da função de chefia de departamento e coordenação de curso de pós-graduação, exerci o cargo de representação no Conselho de Extensão (1990- 1991) e no Conselho Setorial de Pesquisa (2003 – 2005)

11. Considerações finais.

A realização de um memorial, mesmo que por força institucional, é sempre um mapeamento e um balanço da vida acadêmica e profissional. É também um balanço de uma experiência de vida no sentido que a profissão é parte dela. Sempre procurei fazer de minha profissão não apenas uma atividade instrumental, mas também uma atividade de realização de sentido da vida pessoal, vinculado a um sentimento de paixão ou mesmo de vocação, como diria Weber. Nesse sentido, a profissão não é apenas um instrumento de ganhar a vida, mas de viver a vida. A atividade acadêmica, para mim – e não poderia ser diferente –, sempre foi dotado de um sentido relacionado com valores e

crenças norteadoras de uma prática social, de maneira de ver o mundo e de ser. Vejo teoria e método como extensão de princípios e valores. Talvez, essa afirmação seja demasiada repetitiva, por que reafirmada por tantos pensadores, teóricos ou epistemólogos. Todavia, acredito ser importante retomar esse pensamento no sentido de demonstrar como os temas e as perspectivas analíticas em determinados momentos têm mais força, não em razão de um “modismo” acadêmico, mas sim em razão de mudanças que se processaram no “eu reflexivo”, como diria Giddens, no caminhar das atividades investigativas. Assim, talvez não tenha sido inspirado por aqueles referenciais teóricos, tidos como os mais privilegiados na análise científica, para abordar os temas de que trato. Talvez esteja fora da normalidade, como diria Thomaz Kuhn. Todavia, o pensamento teórico em que me envolvi sempre foi além da força explicativa, teve sentido ou relação com a trajetória de vida e por isso me motivou e me “pulsionou”. Assim, como já relatado anteriormente no processo de formação, algumas categorias força que foram empregadas, revisitadas, revisadas não constituem apenas categorias de análise de fatos, temas ou objetos de análise, mas categorias reflexivas, dotadas de “reflexividade da prática social” e de afirmação de um “sujeito pessoal”, conforme Alain Touraine.

A noção de autonomia que surge nos primeiros trabalhos com agricultura familiar é bastante significativa, nesse sentido. Embora não seja uma categoria central nos trabalhos recentes, continua presente na análise dos atores e na teoria da ação. Depois, a noção de meio ambiente, ou ambiente no sentido do ambiente natural e social me levou a incluir nas Análises a noção de multidimensionalidade, tão claramente expressos por Edgar Morin. Como interpretar as dinâmicas da vida rural e dos agricultores familiares ou camponeses sem considerar o ambiente natural? Ou como dar sentido à vida social, sem considerar a natureza humana? A natureza está intrinsecamente relacionada com a reprodução da vida. Marcel Jollivet mais uma vez nos inspira metodologicamente no seu trabalho do Rural ao Ambiental.

Os camponeses, os agricultores familiares, agricultores ecológicos, analisados em meus trabalhos recentes, não são vistos como atores que atuam apenas racionalmente, mas também na dimensão múltipla da racionalidade e da subjetividade, assim como a ação reflexiva e recursiva recria a vida pessoal. Nesse sentido, o sujeito pesquisado interfere na reflexividade do sujeito pesquisador. Este caminhar reflexivo e metodológico retoma uma categoria importante associado à noção de sujeito: a noção de

emancipação. Ela aponta para novas perspectivas de análise de meus trabalhos

Finalizando, minha percepção é de que minha trajetória de pesquisa privilegia o que poderíamos chamar de movimentos contra-hegemônicos à lógica do sistema. Assim, busco paradigmas analíticos que procuram dar conta da compreensão das práticas emergentes, não necessariamente das que avançam no sentido de transformar o sistema, mas das que nele imprimem tensão e permanecem na busca de espaços sociais de caráter emancipatório. Por isso, nem sempre os objetos ou sujeitos estudados estão no centro do debate dos meios acadêmicos. Todavia, parece-me que também é do papel do cientista social compreender os movimentos, fatos emergentes, ou novos, como afirma Alain Touraine, mesmo que esses não sejam significativos sob o ponto de vista do que prevalece na visão dominante.